

A coleção «CASCAIS, TEMPOS ANTIGOS» tem por objectivo a publicação de estudos monográficos sobre o passado mais remoto da área que é hoje o concelho de Cascais, e da sua envolvimento imediata, das origens à emergência da nacionalidade.

No entanto, em situações concretas, o âmbito geográfico da coleção pode ser alargado.

Entre 2900 e 2000 antes da nossa era, as Penínsulas de Lisboa e Setúbal compartilharam uma unidade cultural apreciável, designada por Savory como a «Cultura do Tejo». Os monumentos e sítios de esse período, e da fase que o antecede, são o objecto das primeiras publicações de esta coleção, incluindo necrópoles como Porto Covo, Poço Velho, Alapraia e S. Pedro do Estoril.

Os materiais de antigas escavações, tal como os que resultam de projectos que, em colaboração com a autarquia, estão neste momento a decorrer, ou em curso de programação, serão assim alvo de publicações monográficas «definitivas».

A coleção «CASCAIS, TEMPOS ANTIGOS» é dirigida por Victor S. Gonçalves, professor catedrático da Universidade de Lisboa e Director da UNIARQ (o Centro de Arqueologia da U.L.), responsável pelo projecto CASCA (Cascais: as antigas sociedades camponesas).

### Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal

Este colóquio internacional TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA constitui o terceiro de uma série de encontros promovidos pela UNIARQ e pela Câmara Municipal de Cascais cujo objectivo é a análise dos processos de mudança da segunda metade do 4.º milénio e do 3.º milénio a.n.e. Centram-se no Centro e Sul de Portugal, mas ultrapassam as actuais fronteiras, para leituras cruzadas. Cascais tem constituído o ponto de encontro desses colóquios (1993, 1995, 2005), retomando a projecção internacional que conheceu nas décadas de 50 e 60 no meio da Arqueologia pré-histórica.

O 3.º Colóquio Internacional, agora editado, decorreu entre 4 e 7 de Outubro de 2005, no Centro Cultural de Cascais, tendo sido organizado em três secções. A primeira secção foi intitulada *Sítios, Paisagens e Diacronias* e conta com contribuições de Ana Catarina Sousa, João Luís Cardoso, Michael Kunst, Victor S. Gonçalves, Carlos Tavares da Silva, Joaquina Soares, Rui Mataloto, António Alfarroba, Elena Morán, Carolina Grilo. A secção *O sagrado, os ritos e os espaços da morte* integra contribuições de Rui Boaventura, Jorge de Oliveira, Rui Parreira e Ana Maria Silva. O Centro e Sul de Portugal é integrado num espaço mais vasto na secção *A Sul e a Oriente, novas questões, monumentos e sítios*, com contribuições de Enrique Cerrillo Cuenca, José Maria Fernández, Francisco Javier Heras Mora, Alicia Prada Gallardo, José Antonio López Sáez, Francisco Nocete, Nuno F. Inácio, Moisés R. Bayona, María D. Cálmalich Massieu, Dimas Martín Socas, Rafael Lizcano Prestel, Ana Peramo De La Corte, Esther Álex Tur, José Ramos, P. Bueno-Ramirez, R. de Balbín Behrmann, Rosa Barroso Bermejo.

Num espaço e tempo relativamente restritos, a série TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA procura efectuar sucessivos pontos de situação do registo arqueológico e das perspectivas de interpretação dos mesmos, privilegiando espaços de debate. Nesta perspectiva, foram organizadas duas sessões de debates, ambas coordenadas por Victor S. Gonçalves.

# Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.

TRANSFORMAÇÃO E MUDANÇA NO CENTRO E SUL DE PORTUGAL: O 4.º E O 3.º MILÉNIOS A.N.E.  
VICTOR S. GONÇALVES • ANA CATARINA SOUSA, eds.



# Transformação e Mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4.º e o 3.º milénios a.n.e.

Actas do Colóquio Internacional  
(Cascais, 4-7 Outubro 2005)

---

# Povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): evolução arquitectónica do sistema defensivo e das técnicas construtivas correlativas

■ João Luís Cardoso\*

---

**R E S U M O** Neste artigo serão sucessivamente tratados os seguintes aspectos, relacionados com a investigação que, sob direcção do signatário vem sendo desenvolvida em Leceia desde 1983: 1 – História das investigações; 2 – Vinte anos de escavações arqueológicas: 1983-2002; 3 – Aspectos metodológicos; 4 – Evolução arquitectónica do sistema defensivo; 5 – Técnicas de construção utilizadas e sua evolução diacrónica.

**A B S T R A C T** In this paper the following items will be presented and discussed: 1 – History of the research; 2 – Twenty years of archaeological excavations: 1983-2002; 3 – Methodological aspects; 4 – Architectonical evolution of the defensive system; 5 – Techniques of construction.

---

## 1. História das investigações

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878, altura em que o General Carlos Ribeiro, pioneiro da Pré-História e da Geologia portuguesas, sobre ele publicou uma extensa e bem documentada memória, apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa, que pode considerar-se a primeira monografia dedicada a um povoado pré-histórico português (Ribeiro, 1878).

Apesar de a estação ser, desde então, frequentemente referida em trabalhos da especialidade, tanto em Portugal como no estrangeiro – Leite de Vasconcelos dedicou-lhe, em 1917, artigo publicado nas páginas de “O Arqueólogo Português” com o título expressivo de “Arqueologia liceense” – jamais, até ao início da intervenção iniciada por iniciativa do signatário, ali se tinham realizado escavações. Apenas Joaquim Fontes publicou, de forma muito resumida (Fontes, 1955), os resultados sumários de algumas valas de prospecção que executou, em colaboração com o Escultor Álvaro de Brée, este último durante décadas coleccionador de materiais arqueológicos obtidos pelo próprio ou por naturais da região, a quem os adquiria, tal como havia acontecido anteriormente com Abílio Rozeira, na década de 1920;

aqueles materiais foram, entretanto, estudados e publicados pelo signatário (Cardoso, 1980, 1981).

Em inícios de 1983, a área de interesse arqueológico encontrava-se em fase de degradação acelerada. Pouco tempo antes, um dos proprietários tinha aberto, com retroescavadora, numerosas valas para o plantio de árvores; outro, tinha construído um redondel de madeira para touradas, perfurando em numerosos locais o terreno, para a fixação da estacaria; mais grave ainda, a estação corria o risco de desaparecer totalmente, caso fosse aprovado, pela Câmara Municipal de Oeiras, um projecto geral de urbanização que viria a afectar a área arqueológica, loteando-a na sua totalidade. Tal facto resultava, em parte, de indefinição oficial da verdadeira área de real interesse arqueológico. Com efeito, dado que jamais ali se haviam feito escavações, o único elemento de trabalho disponível era de aplicação inviável: tratava-se da planta publicada por Carlos Ribeiro, em 1878, na qual se considerava como área arqueológica não apenas a plataforma do moinho da Moura (ou do Pires), mas também toda a extensa cumeada onde se implanta a actual povoação de Leceia; na verdade, apesar de o povoado pré-histórico de Leceia se encontrar classificado como Imóvel de Interesse Público, pelo Decreto n.º 45 327, de 23 de Outu-

bro de 1963, a classificação não tinha sido acompanhada da delimitação da área classificada, contribuindo para a mencionada indefinição, que só prejudicava a efectiva protecção da estação.

## 2. Vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)

Importa observar que poucos acreditavam, nos inícios da década de 1980, na existência em Leceia de estratigrafias e, muito menos, de estruturas ainda eventualmente conservadas no subsolo. Para tal concorria decisivamente a presença de numerosos afloramentos geológicos, constituídos por extensas bancadas de calcários duros recifais do Cenomaniano superior, que constituem a ossatura da plataforma onde assentou o povoado pré-histórico, dominando, do alto da encosta direita, o fértil vale da ribeira de Barcarena (Fig. 1): não obstante o seu fácil acesso e a boa documentação conservada, tanto no Museu Nacional de Arqueologia, como no Museu dos Serviços Geológicos de Portugal, a referida realidade explica que jamais ali se tenham efectuado trabalhos arqueológicos. No entanto, a simples análise geológica sumária indicava um acentuado desnivelamento entre os afloramentos em causa, possibilitando a conservação, na parte correspondente à zona abatida, de estruturas arqueológicas, como de facto se veio a verificar ulteriormente. Deste modo,

impunha-se proceder a escavações sistemáticas, conducentes, primeiro, à determinação da real importância arqueológica da estação e, depois, caso aquela se confirmasse, à sua efectiva delimitação no terreno.

Para o efeito, foi subscrito pelo signatário, em Janeiro de 1983, um Projecto de Investigação apresentado ao então IPPC interessando apenas esta estação pré-histórica o qual, uma vez aprovado, permitiu, em Agosto daquele ano, o início dos trabalhos de campo. Nessa primeira campanha, escavou-se uma área de 32 m<sup>2</sup>, que actualmente se situa no núcleo do antigo povoado pré-histórico, entre a segunda e a terceira linhas de muralhas. Destes trabalhos, resultou a demonstração, não apenas da existência de estratigrafia, nítida e bem conservada, mas também a sua relação com duas fases de ocupação distintas, caracterizadas pelos respectivos materiais, bem como a presença de estruturas arqueológicas, relacionadas com cada uma delas. Estava, deste modo, demonstrada a efectiva importância científica de Leceia, justificando o alargamento da área escavada, através de uma exploração em extensão, cuja estratégia foi definida logo no ano seguinte. Assim, privilegiou-se a escavação em área, tomando como referência as unidades arquitectónicas que fossem sendo sucessivamente definidas, acompanhada da realização de cortes estratigráficos em zonas da estação onde a sequência de camadas se apresentasse particularmente representativa e completa. Vinte anos volvidos de escavações arqueológicas, demonstrou-se



Fig. 1 Vista do vale da ribeira de Barcarena, de jusante para montante. Ao fundo, observa-se a plataforma, no topo da encosta direita, onde se implantou o povoado pré-histórico de Leceia.



Fig. 2 Maqueta do povoado pré-histórico de Leceia, correspondente à reconstituição do dispositivo defensivo, à escala original de 1/100.



Fig. 3 Pormenor da maqueta do povoado pré-histórico de Leceia, correspondente às estruturas no estado em que foram identificadas, à escala original de 1/25.

a existência de um complexo dispositivo defensivo, constituído por três linhas muralhadas, reforçadas do lado externo por bastiões ocios ou maciços, articuladas com diversas unidades habitacionais construídas tanto no espaço intramuros como no espaço extramuros (Figs. 2 e 3), bem como a respectiva evolução arquitectónica do espaço construído ao longo do tempo, objecto particular deste contributo.

### 3. Aspectos metodológicos

Desde muito cedo se verificou que, apesar da área ocupada pelas estruturas arqueológicas ser muito vasta, se observavam padrões coerentes nas sequências estratigráficas gerais obtidas, bem como na sucessão, em cada uma delas, da distribuição vertical dos respectivos materiais arqueológicos, aspectos que permitiram conceber um modelo geral da evolução da ocupação da plataforma de Leceia, desde os momentos iniciais, até ao seu definitivo abandono. O rigor e a validade deste

modelo, que foi sendo sucessivamente confirmado no decurso das escavações, dependiam da qualidade e representatividade de três realidades independentes em que directamente se apoiava, a saber:

1. da realização de cortes estratigráficos em locais criteriosamente seleccionados. Com efeito, a sequência estratigráfica vertical geral observada e desde cedo publicada, logo nos primeiros estudos dedicados às escavações, afigura-se, pelas características gerais homogêneas de cada uma das camadas identificadas e pelas possibilidades de estabelecimento de correlações laterais entre os diversos locais seleccionados, um dos principais resultados científicos obtidos em Leceia. As camadas identificadas foram descritas segundo três critérios principais: a sua textura e compactidade (mais ou menos grosseira, decorrente da presença de maior ou menor quantidade de argila na sua constituição); a sua estrutura, relativa ao modo de organização macroscópica dos seus componentes; e a sua coloração, em resultado, entre outras características do foro geoquímico e pedológico, da maior ou menor percentagem de matéria orgânica;
2. da sequência construtiva que se veio a identificar, cujo faseamento interno se apoiou na sobreposição vertical ou lateral (“estratigrafia horizontal”) evidenciada pelos elementos edificados que iam sendo sucessivamente postos a descoberto; neste contexto, considerou-se possível e mesmo necessário articular estas duas realidades: a sucessão estratigráfica e a sequência construtiva, uma vez que ambas são o reflexo, cada uma à sua maneira, de uma única realidade: as vicissitudes que caracterizaram a presença humana na plataforma de Leceia, no decurso de cerca de mil anos;
3. do conteúdo artefactual de cada uma das camadas, valorizando-se, especialmente, os artefactos que, pela sua abundância e rápida evolução tipológica, permitem a atribuição da camada onde ocorrem a uma determinada etapa cultural no âmbito do Calcolítico da Estremadura. Este exercício, que está na origem de qualquer escavação arqueológica com controlo estratigráfico, por mais simples que se afigure, parece não ter ainda sido cabalmente compreendido por alguns.

Importa sublinhar que qualquer das sequências estratigráficas observadas, ainda que em boa parte formadas pela acumulação de materiais de origem antrópica, revelavam idênticas características, situação sucessivamente confirmada no decurso das escavações (Cardoso, 1994, 2000, 2003). Tal significa que, apesar da extensão ocupada pelo povoado pré-histórico, as vicissitudes pós-deposicionais conhecidas em qualquer das grandes

áreas que o integram foram semelhantes, o que é explicável, tratando-se de espaços abertos, amplamente expostos à acção – idêntica quanto à natureza e intensidade – dos agentes meteóricos (é a conhecida trilogia: erosão, transporte e sedimentação). Com efeito, as sequências estratigráficas definidas no interior do antigo povoado seriam tanto mais representativas quanto traduzissem situações gerais, susceptíveis de correlação entre si; por isso se seleccionaram locais respeitantes a espaços que, no âmbito da ocupação primitiva da plataforma, se encontrariam a céu aberto, sujeitos a idênticos processos naturais de acumulação, sendo assim potencialmente comparáveis. Naturalmente que a observação de sequências estratigráficas respeitantes a espaços confinados, como o interior de uma habitação, ou de um bastião, onde a componente antrópica se afigurava determinante, não foi ignorada; contudo, tais sequências, além de limitadas, embora pudessem informar quanto à evolução da ocupação e à época do abandono e ulterior colapso de cada uma daquelas estruturas, não permitiam correlação entre si, dada a natureza específica das condições que presidiram à formação de cada uma delas. Trata-se de situação em que a multiplicação de observações e de registos, por si só, não conduziria a qualquer melhoria da informação disponível.

Importa ainda ter presentes algumas considerações quanto às exigências e limitações da realização de escavações arqueológicas em área. Trata-se de conferir às sequências estratigráficas a dimensão cultural que elas sempre comportam, preocupação expressa desde o início das escavações, já atrás referida. Para tal, teve-se presente, em Leceia, como naturalmente em muitos outros exemplos comparáveis, o conteúdo artefactual de cada uma das camadas identificadas. Com efeito, foi de há muito reconhecido o valor de certas peças, cuja abundância, rápida evolução tipológica, e facilidade de identificação através dos atributos nelas observáveis, reúnem as condições para, quando presentes num qualquer contexto fechado – seja ele designado por “camada arqueológica” ou “unidade estratigráfica” – poderem inscrever tal contexto numa determinada fase cronológico-cultural, claramente definida. Não se trata, contudo, de um conceito baseado em um determinado número de artefactos significativos dele exclusivos. A evolução da cultura material raramente se fez por substituições bruscas, absolutas e definitivas: é o conceito de predominância estatística que deve presidir à interpretação, sendo certo que o Calcolítico da Estremadura foi, de há muito, reconhecido como um campo ideal de aplicação de tais estudos, assim se tenham sequências extensas, fiáveis e representativas que os suportem: e a sequência calcolítica definida em Leceia, como foi escrito recentemente, representa “a mais usável da Península” (Gonçalves,

2000/2001), afirmação expressiva da sua importância, coerência interna e clareza, que conduziu à sua aceitação, por parte de outros especialistas.

No caso concreto de Leceia, como é bem sabido, foi possível associar a cada uma das três camadas arqueológicas principais da sequência estratigráfica identificada pelos critérios atrás expostos, determinadas produções cerâmicas, com formas e decorações bem definidas, que as caracterizam do ponto de vista da cultura material.

O exercício nada tem de teórico, conceptual ou pré-concebido, decorrendo directamente da realidade observada. Naturalmente, no decurso das escavações efectuadas, existem sempre alguns materiais característicos de uma dada camada que foram registados em contextos mais antigos, ou mais modernos, que aqueles onde tal produção é dominante; tal facto nada tem de anormal e, se nalguns casos, tal situação é possível pela descida por gravidade de materiais no interior do terreno, a situação mais geral que a explica decorre do modo como foram formadas as próprias camadas, por erosão de zonas mais altas do sítio arqueológico e ulterior sedimentação dos materiais transportados em zonas mais baixas e abrigadas: em ambas as situações houve evidentemente lugar à ocorrência de misturas de materiais de épocas diferentes. Tais explicações não invalidam, naturalmente, os fenómenos de coexistência real observados entre produções artefactuais distintas, configurando o *continuum* que caracterizou, na maioria dos casos, a sucessão das culturas materiais observada num dado espaço geográfico.

Esta realidade foi particularmente evidenciada no Zambujal por M. Kunst, onde formas características de fases culturais diferentes conheceram, como advoga o autor citado, um período de coexistência mais ou menos longo (Kunst, 1996). A este diferente conjunto de explicações, haverá ainda a juntar uma outra, decorrente da dificuldade de, numa escavação em área, se poder controlar rigorosamente, um a um, todos artefactos oriundos da zona de contacto de duas camadas distintas, especialmente quando essa zona corresponde a uma superfície irregular, tantas vezes impossível de definir em toda a sua extensão. Esta dificuldade, naturalmente, só poderá ser plenamente compreendida pelos que detenham experiência de vastas escavações em área, como é o caso de Leceia.

Aliás, a efectiva articulação crono-cultural da sequência geral estabelecida em Leceia foi cabalmente demonstrada pela série de datas de radiocarbono obtidas (Soares & Cardoso, 1995; Cardoso & Soares, 1996) para cada uma das camadas que a constituem.

Foram estes princípios metodológicos e as limitações apontadas, entre outras, que se tiveram sempre presentes no decurso da escavação da vasta área ocupada pela

estação arqueológica, a qual, volvidas vinte campanhas de escavações anualmente efectuadas – em Agosto de 2002 efectuou-se a vigésima e última do ciclo iniciado em 1983 – ascendia a mais de onze mil metros quadrados.

Em suma, a relevância científica dos resultados que têm vindo a ser publicados, tanto em estudos de síntese (Cardoso, 2000), como em estudos de carácter monográfico, sobre os conjuntos artefactuais recuperados (Cardoso, 2003; 2004a; 2006) ou faunísticos (Cardoso & Detry, 2001/2002; Guerreiro & Cardoso, 2001/2002) resultou, sobretudo, do facto de, desde o início da escavação em extensão, se ter considerado, como princípio metodológico primordial, a necessidade de se estabelecer correlação entre a sequência estratigráfica geral definida, o respectivo conteúdo artefactual, com incidência cultural, e a sua cronologia absoluta, por um lado, e as sucessivas fases construtivas identificadas, por outro, constituindo realidades independentes mas que deviam e podiam ser articuladas entre si. Com efeito, qualquer uma das realidades apontadas resultaram, em última análise, de um processo de acumulação (no caso de depósitos arqueológicos) ou de sobreposição (no caso de estruturas), devido a uma única causa: a presença de sucessivas comunidades humanas na plataforma rochosa de Leceia, e as actividades quotidianamente por elas ali desenvolvidas.

A cabal compreensão desta realidade, ao longo dos cerca de mil anos de ocupação, designadamente a identificação de episódios de abandono, e a variação da demografia do espaço habitado, expressa pela expansão ou contracção da área ocupada, passava pela escavação integral do povoado pré-histórico, a qual permitiu também identificar a existência de diversas áreas de actividades especializadas, para além de áreas domésticas e áreas comunitárias, com diversas finalidades. Acima de tudo, importava proceder à caracterização do desenvolvimento do dispositivo defensivo no tempo e sua interligação com o espaço habitado, evidenciando-se, sucessivamente as diversas estratégias que presidiram à sua construção e ulterior alteração, com o reforço, adição, remodelação e, finalmente, o abandono daquele complexo espaço construído.

Com efeito, a realização de tão prolongado programa de trabalhos – um dos mais ambiciosos realizados numa única estação pré-histórica em Portugal – envolvendo, pela primeira vez, a exploração integral de um vasto povoado calcolítico, conduziu à demonstração da importância excepcional da estação, tanto do ponto de vista científico como patrimonial, situando-a entre uma das estações mais relevantes para o conhecimento da génese das sociedades complexas calcolíticas peninsulares, cujos resultados preliminares, no respeitante ao sistema construtivo, serão agora objecto de análise e caracterização sumárias.

#### 4. Estratigrafia, fases culturais e cronologia absoluta

Em Leceia, identificaram-se quatro fases culturais e cinco fases construtivas, com início no Neolítico final e *terminus* no Calcolítico pleno, coincidente, na sua parte final, com a eclosão do “fenómeno” campaniforme. Tal realidade encontra-se articulada directamente com a sequência estratigráfica observada, de acordo com os critérios metodológicos atrás enunciados.

Tome-se, como corte-tipo, o identificado e registado em local situado entre a primeira e a segunda linha de muralhas, onde a sequência estratigráfica se apresentava completa, atingindo cerca de 2,0 m de potência (Fig. 4). Aquela sequência foi articulada com o respectivo conteúdo artefactual, a cronologia absoluta e as fases construtivas conexas, sumariamente apresentadas na Fig. 5. Será a partir de tal realidade integrada que se apresentarão as observações que se seguem.

A **primeira fase cultural** corresponde ao estabelecimento de um vasto povoado aberto, sobre a plataforma rochosa de Leceia; qualquer que seja o local investigado onde a escavação tenha descido até ao substrato geológico, ocorre uma camada castanho-avermelhada – Camada 4 – directamente assente sobre aquele, com

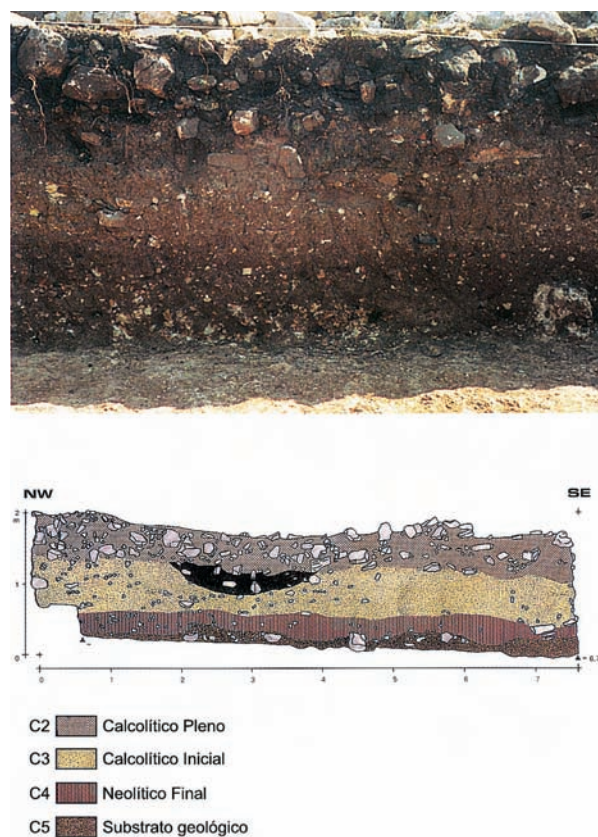


Fig. 4 Leceia: corte estratigráfico e respectiva interpretação, correspondente a zona situada entre a 1.ª e a 2.ª linhas defensivas.

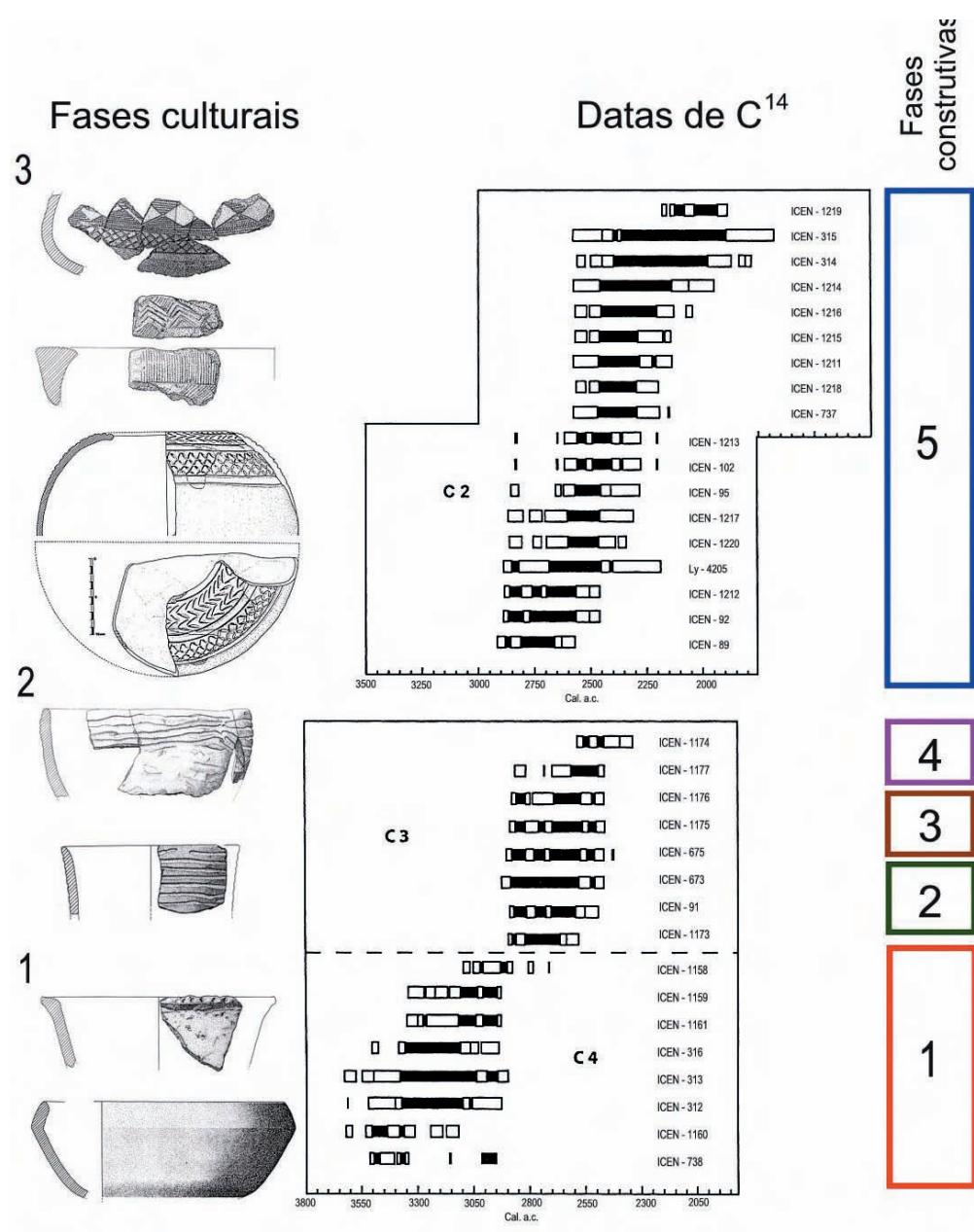


Fig. 5 Leceia: correlação entre fases culturais e construtivas, cronologia absoluta e respectivos conteúdos artefactuais.

abundantes materiais do Neolítico final, caracterizados particularmente pelas cerâmicas, onde avultam os característicos recipientes de bordos denteados, as cerâmicas carenadas e, excepcionalmente, cerâmicas decoradas, com motivos plásticos (cordões em relevo, mamilos simbólicos), incisos ou impressos, que podem considerar-se reminiscências do chamado Neolítico antigo evolucionado da Estremadura.

Associada a esta fase cultural, foi apenas identificada uma fase construtiva, representada por pequenos segmentos de muros rectilíneos, assinalados na planta geral da área escavada na Fig. 6; na Fig. 7, apresenta-se aspecto de pormenor de uma dessas estruturas, de carácter habitacional, muito incompleta, eventualmente arra-

sada aquando da construção da primeira linha defensiva, logo no início do Calcolítico inicial; mas a maioria dos materiais encontra-se em posição derivada, preenchendo as zonas mais deprimidas do substrato geológico, onde naturalmente se acumularam.

O facto de ter existido um período de tempo durante o qual houve transporte e redeposição de materiais arqueológicos em locais propícios, especialmente os mais deprimidos e abrigados da área escavada, significa que terá existido uma etapa de abandono do povoado, entre os finais do 4.º milénio a.C. (a ocupação do Neolítico final corresponde ao último quartel do 4.º milénio a.C.) e os inícios do 3.º milénio a.C., já que a construção do dispositivo defensivo calcolítico situar-

-se-á cerca de 2900/2800 a.C.). Com efeito, a análise estatística das datas de radiocarbono obtidas demonstrou que tal período teria correspondido, muito provavelmente, a algumas dezenas de anos (Cardoso & Soares, 1996). A questão dos abandonos, parciais ou totais, dos sítios ocupados pré-históricos e especialmente dos grandes recintos defensivos, a que se tem dado tão grande importância, no quadro da investigação recentemente desenvolvida em Portugal, encontra, no registo

arqueográfico obtido em Leceia, um elemento de evidente interesse. Existiu, pois, uma descontinuidade, aparentemente total, na ocupação da plataforma de Leceia situável no primeiro século do 3.º milénio a.C. Ver-se-á que esta descontinuidade, evidenciada pela estratigrafia e pela cronologia absoluta, tem expressão, tanto ao nível das construções, como dos espólios correspondentes ao começo do Calcolítico inicial, além das diferentes características das camadas correspon-

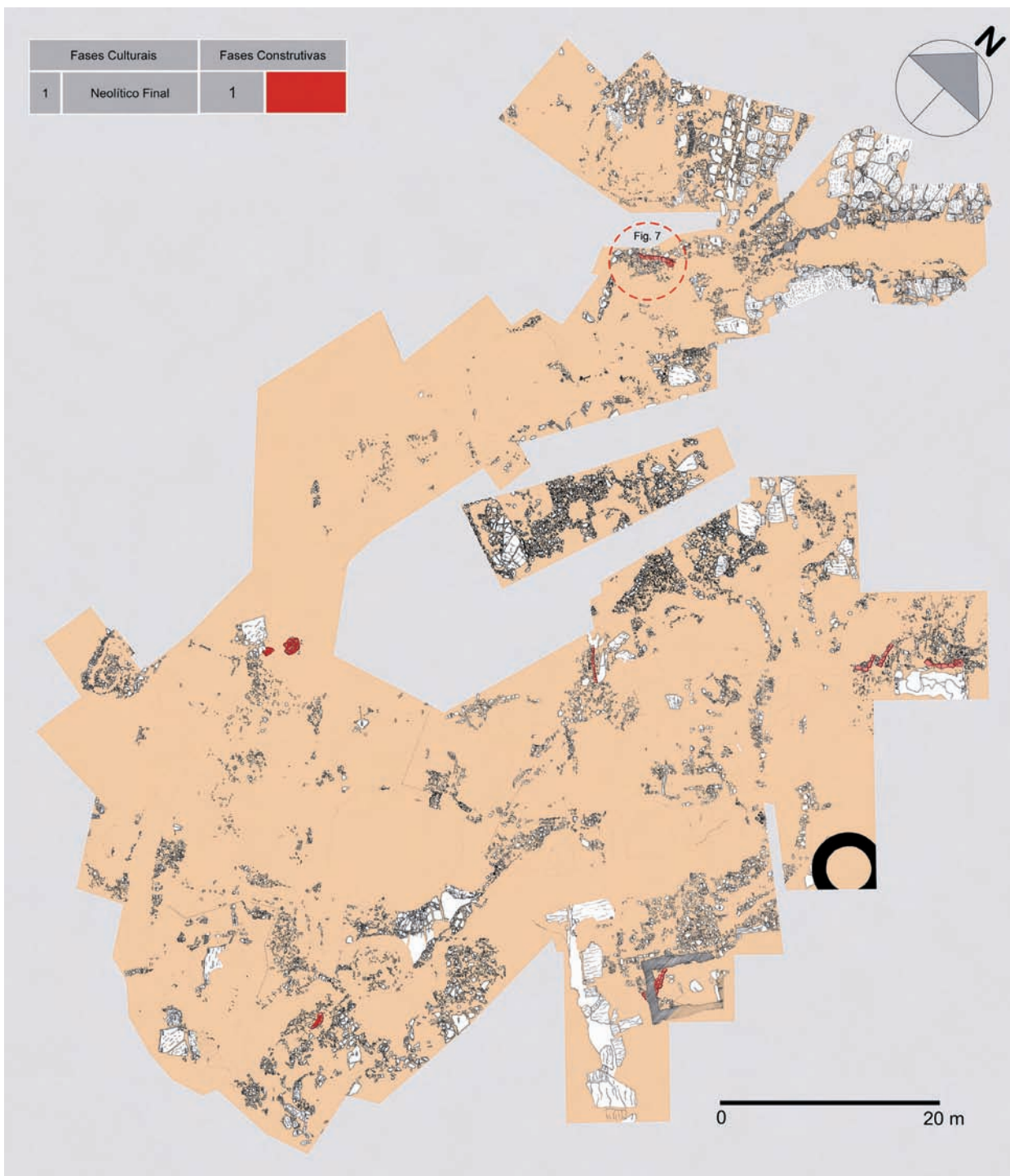
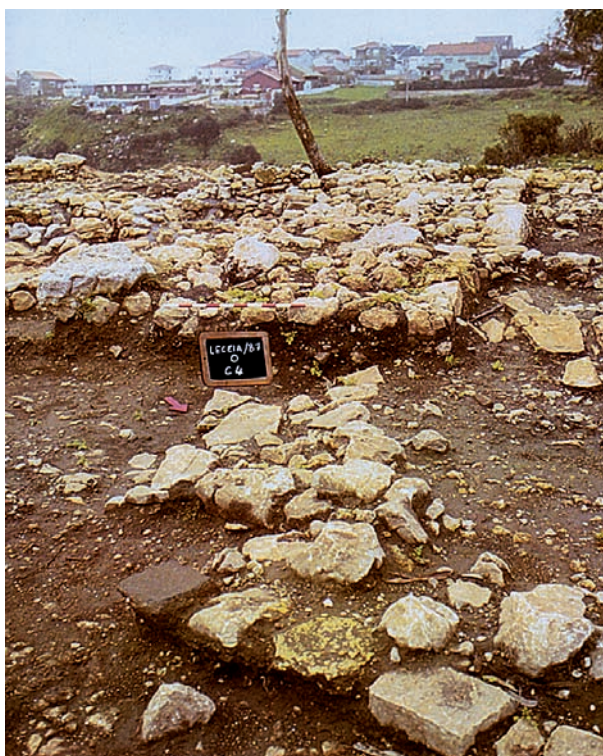


Fig. 6 Leceia: planta geral da área escavada, com implantação das estruturas da 1.ª Fase construtiva, do Neolítico Final.



**Fig. 7** Leceia: em primeiro plano, observa-se muro rectilíneo do Neolítico Final, incorporando dormente de mó de granito, (1.ª Fase construtiva), sobreposto pela muralha correspondente à 2.ª linha defensiva (2.ª Fase construtiva), já do começo do Calcolítico Inicial, em segundo plano.

dentos. Por outras palavras, verifica-se nitidamente a diferença entre a estratégia de ocupação do espaço habitado no Neolítico final, correspondendo a vasto povoado aparentemente aberto, ocupando toda a plataforma, através de unidades habitacionais constituídas por muros rectilíneos, e as construções do Calcolítico, conotáveis com a Camada 3.

Esta camada diferencia-se facilmente da anterior pela coloração amarelada, resultante provavelmente dos derrubes da parte superior das estruturas defensivas (muralhas e bastiões), bem como da argamassa que os provavelmente os revestia, à semelhança do verificado nas habitações da época. Com efeito, a grande quantidade de argila que se observa na sua constituição, que não se poderá explicar por causas naturais, visto o substrato geológico ser constituído por bancadas de calcários duros e recifais, leva a admitir que o sector mais alto das muralhas e bastiões, bem como os muros das habitações e respectivas coberturas seriam constituídos por blocos de barro amassado. Estes, por falta de manutenção, deram origem à acumulação dos materiais argilosos constituindo camada contínua, formada a partir do embasamento das estruturas originais. Em alternativa, aceitando-se que a totalidade das muralhas fosse construída por blocos – tal como parece indicar a realidade observada no povoado fortificado do Zambujal (Torres

Vedras) – poder-se-á admitir, dada a grande quantidade de argila presente, que tais materiais resultassem da degradação do revestimento das muralhas e bastiões, à semelhança do que se verificava nas cabanas. Com efeito, nada nos indica que os extensos paramentos do sistema defensivo não fossem revestidos de argila e eventualmente pintados, o que certamente conferia um efeito cénico acrescido à imponente fortificação.

Do que não há dúvidas, é que a grande quantidade de material argiloso que integra a Camada 3, indica que o começo do processo de degradação das estruturas defensivas se verificou ainda no Calcolítico inicial. Com efeito, nesta camada, de matriz argilosa, abundam materiais cerâmicos característicos desta fase cultural, com destaque para os bem conhecidos “copos” com decoração canelada e brunida e para as taças, igualmente de excelente acabamento, decoradas por bandas de caneluras paralelas abaixo do bordo. Estes materiais contrastam fortemente com as produções cerâmicas características da fase cultural antecedente, apesar de a forma cilíndrica, presente nos “copos”, já nela se encontrar representada, tal como a taça em calote lisa.

A **segunda fase cultural**, assim definida, tanto estratigráfica como arqueograficamente, correspondem três fases construtivas, respectivamente a segunda a terceira e a quarta fases. Na segunda, reportável logo aos primórdios do Calcolítico inicial, assiste-se à construção de um grandioso dispositivo defensivo (Fig. 8), articulado em três linhas muralhadas, de planta arqueada e sub-paralelas, defendidas e reforçadas exteriormente por bastiões semicirculares, em geral ocos (Fig. 9 e Fig. 10). Tal programa, que terá sido efectuado em curto intervalo de tempo, reflecte uma concepção prévia da forma como se pretendia ocupar o esporão rochoso, de acordo com um plano rigorosamente levado à prática. O resultado obtido, é formalmente comparável a outros sítios fortificados do território português, a começar pelos dois mais notáveis e próximos paralelos, igualmente pertencentes ao distrito de Lisboa, o povoado pré-histórico de Zambujal (Torres Vedras) e o de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja), cujo evidente “ar de família” denota realidades comparáveis, extensíveis a todo o rico território da Estremadura portuguesa (Jorge, 1994, Cardoso, 2004b).

Observam-se claramente as preocupações defensivas presentes no espírito dos construtores, ao fecharem, através das três linhas muralhadas, a plataforma, do lado em que ela se apresentava mais vulnerável, tirando partido da existência, dos dois outros lados (sul e nascente), da existência de uma escarpa natural, que atinge em geral cerca de 10 m de altura, e que delimitava naturalmente.

A mesma realidade transparece na fase construtiva seguinte, correspondenten no plano das construções

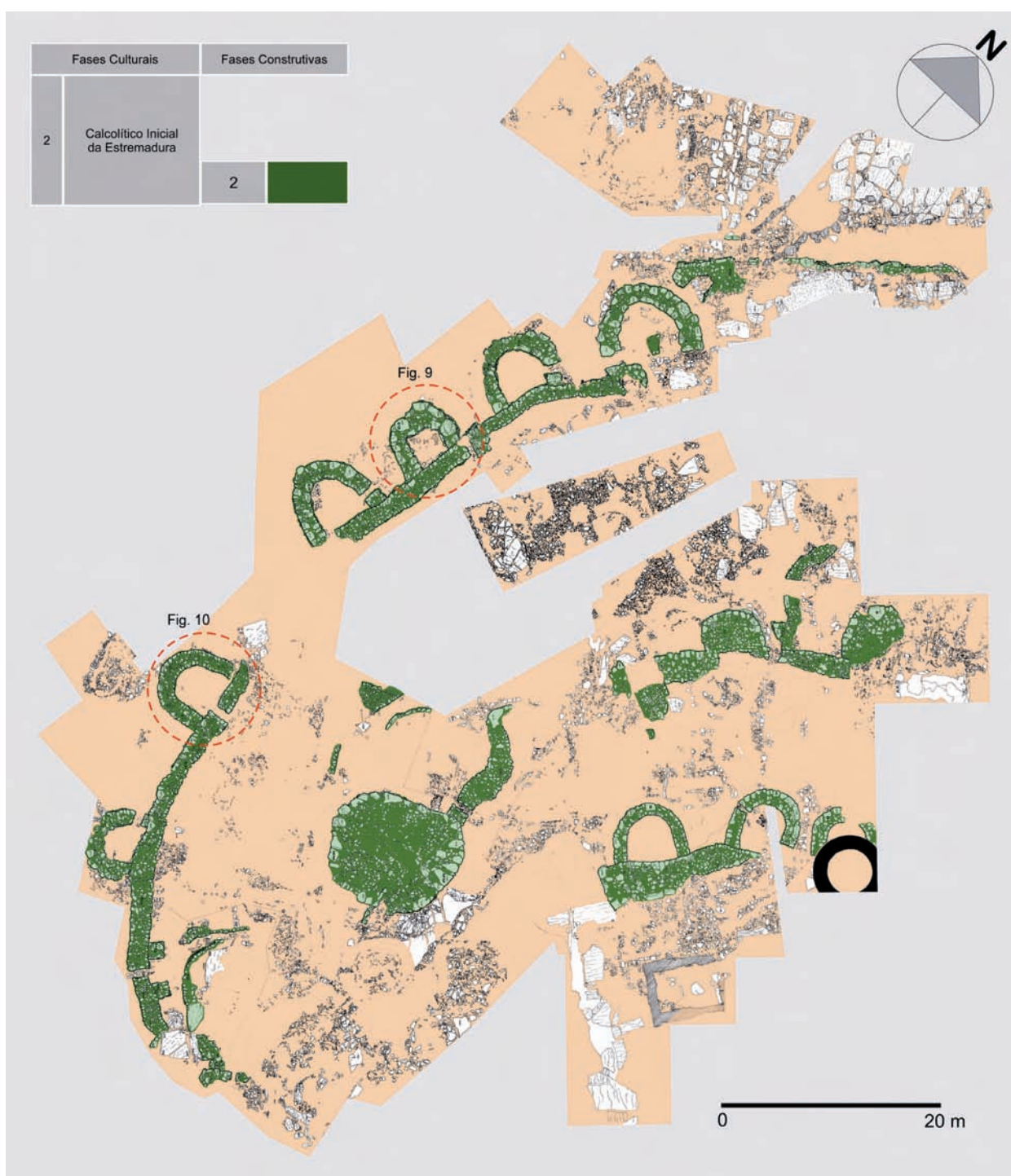


Fig. 8 Leceia: planta geral da área escavada, com representação das estruturas da 2.ª Fase construtiva, do Calcólítico Inicial.

defensivas, a reforços e melhorias introduzidas na eficácia dos panos de muralha, dos torreões maciços e dos bastiões pré-existent (Fig. 11). Tais reforços correspondem em geral ao alargamento da base daquelas estruturas, através da colocação de grandes blocos justapostos aos paramentos externos das mesmas, como se verifica no grande torreão maciço que assegura a união da segunda linha à primeira linha muralhada (Torreão MM, Fig. 12), em dois bastiões da primeira linha defensiva,

dos quais se reproduz na Fig. 13 o Bastião EI e em outro bastião da terceira linha defensiva (Bastião G), para além da própria muralha, em sector da primeira linha defensiva (Muralha EH). Os acrescentos, observados no embasamento destas estruturas, destinavam-se a permitir o respectivo alteamento. Assim se garantia uma maior eficácia das suas funções defensivas, necessidade sentida no decurso da sua vida útil. Situação idêntica se observa na Entrada O1, situada na segunda linha defensiva; com



Fig. 9 Leceia. Bastião EQ (ver Fig. 8).



Fig. 10 Bastião EH. Note-se a existência de comunicação para o interior do espaço defendido (ver Fig. 8).

efeito, o seu comprimento do lado poente foi prolongado, tendo por objectivo a consequente melhoria da sua eficácia defensiva; tal situação encontra-se particularmente evidenciada pelo contraste oferecido pelos diferentes tipos de aparelhos construtivos utilizados na construção e ulterior acrescento (Fig. 14).

O dispositivo defensivo estava então no seu apogeu e máxima operacionalidade, não podendo ser entendido sem considerar as estruturas de índole estritamente habitacional que eram por ele protegidas. Entre todas as identificadas nesta terceira fase construtiva, avulta grande cabana de planta circular, munida de entrada voltada a poente (Casa ZZ), possuindo ao centro uma lareira estruturada (Fig. 15). A evidente qualidade construtiva e arquitectónica desta unidade habitacional pode ser relacionada com o local privilegiado, em termos defensivos, onde se implanta, por detrás da terceira linha defensiva: a ser assim, estar-se-á em condições de entrever, no seio da numerosa população instalada em Leceia no Calcolítico inicial, um esboço de diferenciação social intracomunitária, o qual, como é sabido, se acentuou ulteriormente, no decurso da Idade do Bronze.

Outra evidência da complexificação social que transpõe desta e de outras fortificações calcolíticas estremitas é o facto de elas revelarem a existência de planos

arquitectónicos gerais adaptados aos condicionalismos impostos pela topografia pré-existente. Isso lhes confere o mesmo “ar de família”, já assinalado em trabalhos anteriores (Cardoso, 1999/2000), pressupondo a existência de um determinado segmento da comunidade que sabia exactamente o que construir e como construir. Esta realidade encontra-se igualmente denunciada pelos sucessivos reforços, os quais respeitaram igualmente programas gerais, que interessaram todo o dispositivo defensivo, objecto assim de renovações periódicas, internamente coerentes e articuladas entre si.

É, igualmente, aquela realidade que transparece da última fase construtiva do Calcolítico inicial (Fase 4), a que se reporta a Fig. 16. Continuou-se a melhorar a eficácia defensiva de todo o dispositivo defensivo, agora com uma inovação que parece corresponder a uma revolução nos seus próprios conceitos: trata-se da construção de muros radiais, desenvolvendo-se perpendicularmente aos traçados das linhas muralhadas, segmentando os espaços intramuros, por aquelas definido. É o caso dos dois muros paralelos, delimitando os lados de um caminho que articulava a Entrada O1, situada na segunda linha defensiva, com a Entrada D3, situada na terceira linha defensiva, o qual possui equivalente na Muralha EH que, partindo do Torreão MM, atingia a primeira linha defensiva (Fig. 17), através de um remate arredondado, construído em sucessivos socalcos, para vencer o declive do terreno, como o embasamento das muralhas dos castelos medievais (Fig. 18).

Estas remodelações conotadas com a última fase construtiva do Calcolítico inicial (Fase 4), foram mais intensas e profundas que as correspondentes à fase anterior, e envolveram a construção de raiz de novos bastiões, como o Bastião AA, cuja diferenciação dos mais antigos é fácil, pela inferior qualidade do aparelho construtivo, com o consequente menor tamanho da estrutura (Fig. 19). De notar que este bastião é contemporâneo do processo de diminuição crescente da largura de uma entrada existente na terceira linha defensiva que, com cerca de 12,5 m de largura na Fase 2, viu-a reduzida para cerca de 4,0 m na Fase 3 e, finalmente para apenas 1,0 m na fase 4, por sucessivos acrescentos laterais (Figs. 20 e 21).

Do ponto de vista estritamente habitacional, certas cabanas aproveitaram paramentos interiores de muralhas, às quais se encontram adossadas: é o caso da Cabana HH (Fig. 22), enquanto outras, como a Cabana L se integra no muro radial dela coevo, o que constitui uma novidade que merece ser destacada (Fig. 23).

É ainda a esta derradeira fase construtiva do Calcolítico inicial que se reportam diversas unidades arquitectónicas de carácter comunitário, como os embasamentos de eiras, de que se reconheceram três exemplares, um dos quais (Eira EM), com duas fases de utilização,



Fig. 11 Leceia: planta geral da área escavada, com representação das estruturas da 3.ª Fase construtiva, do Calcolítico Inicial.

denunciada reaproveitamento de uma cabana arrasada até ao alicerce, correspondente a uma coroa circular externa, que se conservou (Fig. 24). É interessante referir que todos estes embasamentos se encontram no interior do espaço defendido, facto elucidativo do clima de instabilidade social então vigente.

Outra estrutura comunitária corresponde a caminho lajeado, em parte sobreposto à cabana ZZ, já referida, sendo, deste modo, mais moderno do que ela: ins-

creve-se, de facto, na Fase 4 construtiva. Este caminho estruturado, além de constituir caso único na pré-história portuguesa, tem a particularidade de ser munido de vários degraus, para vencer o declive existente do lado meridional do povoado (Fig. 25), conectando duas entradas, existentes, respectivamente, na primeira e na segunda linhas defensivas.

Existem estruturas que, pela sua extensão, se integram também uma utilização comum aos habitantes



Fig. 12 Leceia: pormenor do reforço do Torreão MM (ver Fig. 11).



Fig. 13 Leceia: pormenor do reforço do Bastião EI (ver Fig. 11).



Fig. 14 Leceia: prolongamento da Entrada O3, à esquerda, correspondente ao lado interno da fortificação, evidenciada pelo contraste entre o aparelho construtivo correspondente, face ao da fase construtiva anterior (ver Fig. 11).



Fig. 15 Leceia: Casa ZZ (ver Fig. 11).

do povoado. Reportável à fase 4 construtiva, destaca-se a existência, entre o grande torreão maciço já anteriormente mencionado e a primeira linha defensiva, de uma vasta superfície lajeada (Fig. 26). Esta poderia desenvolver-se a céu aberto, mas é também possível que o espaço fosse coberto, aproveitando os apoios oferecidos pelas duas referidas estruturas. A sua utilização poderia ser múltipla, como a reunião de pessoas e de gado em situações de maior conflitualidade.

A **terceira e última fase cultural** corresponde ao Calcolítico pleno, conectando-se à Camada 2 da sequência estratigráfica geral. Trata-se de depósito caracterizado pela presença dominante de blocos calcários de acentuada heterometria, cujos espaços intermédios se encontram preenchidos por matriz terrosa, solta, com raízes e de coloração castanho-anegrada. As suas características contrastam, pois, de forma evidente, com as da Camada 3, o mesmo se verificando quanto ao respectivo espólio arqueológico, com destaque para a cerâmica. Com efeito, é nesta camada que ocorrem, de forma dominante, as decorações ditas “em folha de acácia” e

“em crucífera” características do Calcolítico pleno da Estremadura. A sua distribuição no contexto da área construída limita-se à zona nuclear do povoado, correspondente à parte mais alta da plataforma, entre a segunda e a terceira linhas muralhadas.

Pode, pois, concluir-se que, no decurso do Calcolítico pleno, se verificou contracção do espaço ocupado, com a consequente diminuição do número de habitantes, ao mesmo tempo que as estruturas defensivas atingiam o nível de degradação quase total: é isso que sugere a presença dominante de elementos calcários na constituição da referida camada, resultantes da destruição daquelas (natural ou intencional) até o respectivo embasamento. O desinvestimento na edificação ou manutenção das muralhas e bastiões não foi, ao contrário do que se poderia crer, acompanhado de um declínio na qualidade ou quantidade das produções domésticas, bem pelo contrário: com efeito, parece ser nesta fase que a população sediada em Leceia atingiu o seu maior florescimento económico, como é evidenciado pela presença de artefactos de cobre (cujo fabrico, atestado no povoa-

do, só então se generaliza), e de outros indícios, que mostram que a diversificação das produções, com a correspondente intensificação económica, estava então em fase de franca afirmação: é o caso da tecelagem (atestada pelo acréscimo de elementos de tear quadrangulares) e da transformação de produtos lácteos (os “cinchos” só surgem nesta altura do registo arqueológico). Por outro lado, a presença de grandes espaços domésticos sugere que o investimento construtivo se transferiu

para estes edifícios, de carácter comunitário, dadas as suas dimensões. São vários os identificados entre a segunda e a terceira linhas muralhadas. Apresentam plantas elipsoidais, com mais de 10 m de eixo maior, munidos de entradas, marcadas por soleiras tanto do lado externo como do lado interno (Fig. 28). Outras vezes, apresentam plantas de tendência sub-circular, sendo definidos por paredes constituídas por dois paramentos de blocos e enchimento intermédio de pedra miúda

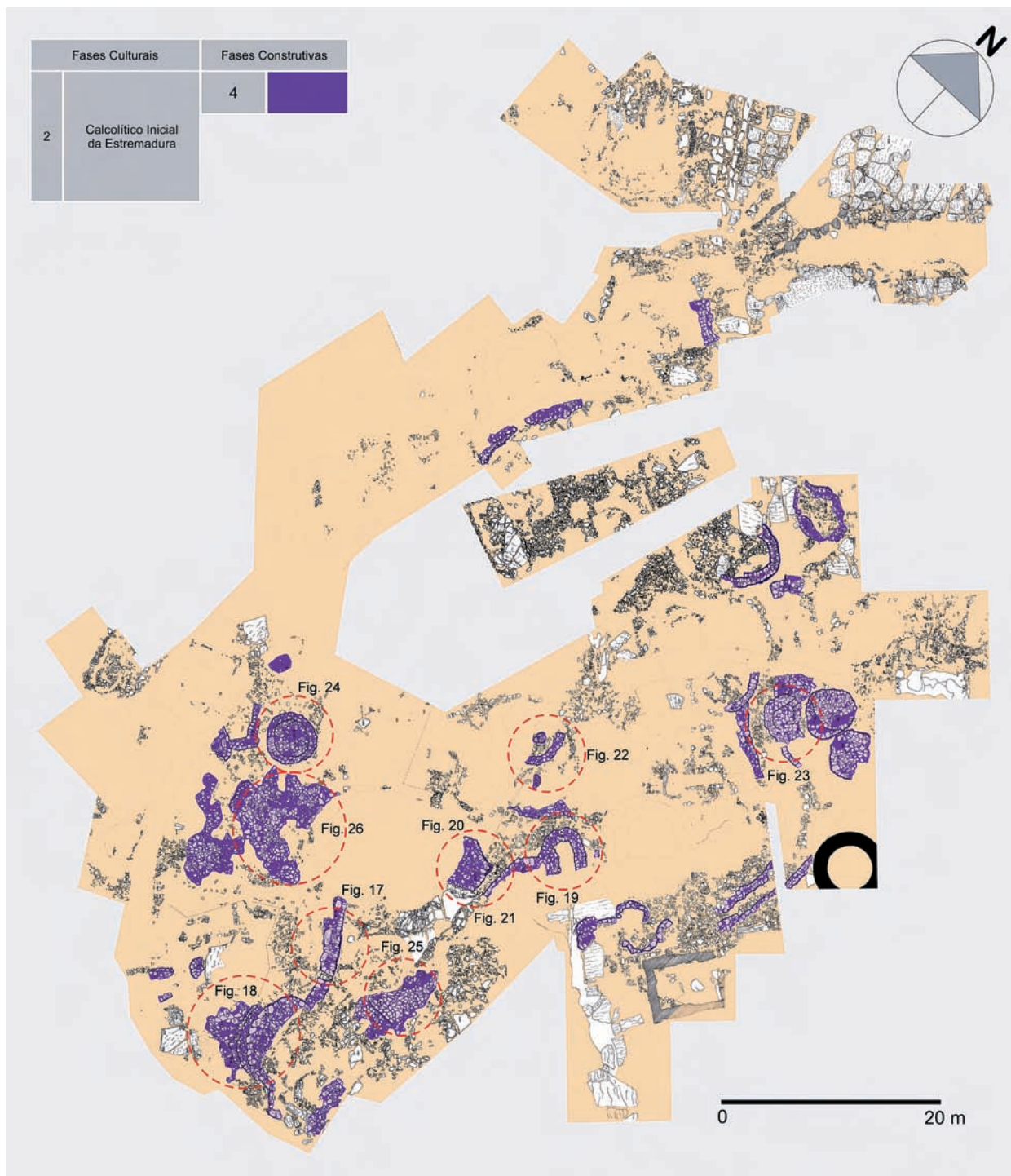


Fig. 16 Leceia: planta geral da área escavada, com representação das estruturas da 4.ª Fase construtiva, do Calcolítico Inicial.



Fig. 17 Leceia: Muralha EH (ver Fig. 16).



Fig. 18 Leceia: remate meridional da Muralha EH (ver Fig. 16).



Fig. 19 Leceia: Bastião AA, posteriormente preenchido em parte do seu interior (ver Fig. 16).



Fig. 20 Leceia: Entrada CC2, depois de sucessivos estreitamentos, vista do lado interno. Em último plano, a Cabana ZZ. (ver Fig. 16).

(Fig. 29), ou simplesmente definidos por uma única fiada de blocos, que pressupõem paredes de entrançados vegetais recobertos de argila (Fig. 30). Note-se que estas construções se implantam na própria camada de derrubes pedregosa, indício que os derradeiros habitantes viveriam literalmente sobre ruínas. Estas, quando ainda parcialmente de pé, poderiam constituir elementos estruturais aproveitáveis: é o que se verifica com a Cabana A e a Cabana P (na realidade constituindo apenas uma unidade habitacional, constituída por duas áreas intercomunicantes, através da Entrada F1), adossadas à face externa da terceira linha defensiva, no caso constituída pelos Bastiões C e G e pelo troço de muralha intermédio (Fig. 31). Noutros casos, estas unidades habitacionais assumiam carácter muito mais provisório, sendo denunciadas simplesmente por lajeados que forravam o seu interior, onde se implantava uma ou mais lareiras estruturadas de contorno sub-circular (Fig. 32).

À última fase construtiva pertence uma estrutura de carácter comunitário de planta subcircular e fechada, definida por pequenas lajes colocadas verticalmente. Trata-se da Estrutura II, cuja integração nesta fase não deixa dúvidas pelo facto de se encontrar fundada na

Camada 2 (Fig. 33). Inicialmente, poderia corresponder a um silo, entretanto abandonado e reaproveitado como lixeira: é o que indica o respectivo enchimento, com abundantes restos faunísticos e arqueológicos, incluindo produções cerâmicas características do Calcolítico pleno, de mistura com alguns restos humanos, cujo estudo proporcionou interessantes conclusões (Cardoso, Cunha & Aguiar, 1991). A utilização primária ou secundária, como lixeira, desta estrutura encontrava-se funcionalmente favorecida pela sua localização dentro do espaço habitado, junto de entrada existente na segunda linha defensiva a qual, no Calcolítico pleno delimitava o espaço ocupado, sendo escassos os achados situados para além dela. E esta estrutura configura a necessidade da manutenção da salubridade do espaço doméstico, sendo os detritos ali acumulados objecto de decomposição natural, com provável utilização posterior como fertilizantes, conclusão sugerida pela sua pequena capacidade de contenção, de cerca de 1 m cúbico, que requeria frequentes esvaziamentos.

Por outro lado, é interessante notar que as cabanas de planta circular do Calcolítico pleno têm antecedentes imediatos na estação (trata-se da já anteriormente refe-

rida Cabana ZZ), enquanto as unidades de planta elipsoidal mais ou menos alongadas se encontram na imediata origem das casas da Idade do Bronze, passando pelas cabanas da época campaniforme, adiante referidas.

Em Leceia, a presença de cerâmicas campaniformes, permitiu a caracterização de diversas situações de assinalável interesse, no tocante à características das res-

pectivas produções cerâmicas, estruturas associadas e sua cronologia, com a conseqüente integração num contexto supra-regional (Cardoso, 1997/1998; Cardoso, 2001; Cardoso, 2004b, 2004c).

A ocorrência das referidas produções, a que usualmente se faz corresponder o Calcolítico final, encontra-se circunscrita à parte superior da Camada 2, no espaço



Fig. 21 Leceia: Entrada CC2, vista do lado externo. Note-se a importante sucessão estratigráfica anterior à última fase daquela (ver Fig. 16).



Fig. 22 Leceia: Cabana HH (ver Fig. 16).



Fig. 23 Leceia: Cabana L (ver Fig. 16).



Fig. 24 Leceia: Eira EM (ver Fig. 16).



Fig. 25 Leceia: Caminho AB/AC, lageado e munido de degraus (ver Fig. 16).



Fig. 26 Leceia: Lageado EF (ver Fig. 16).

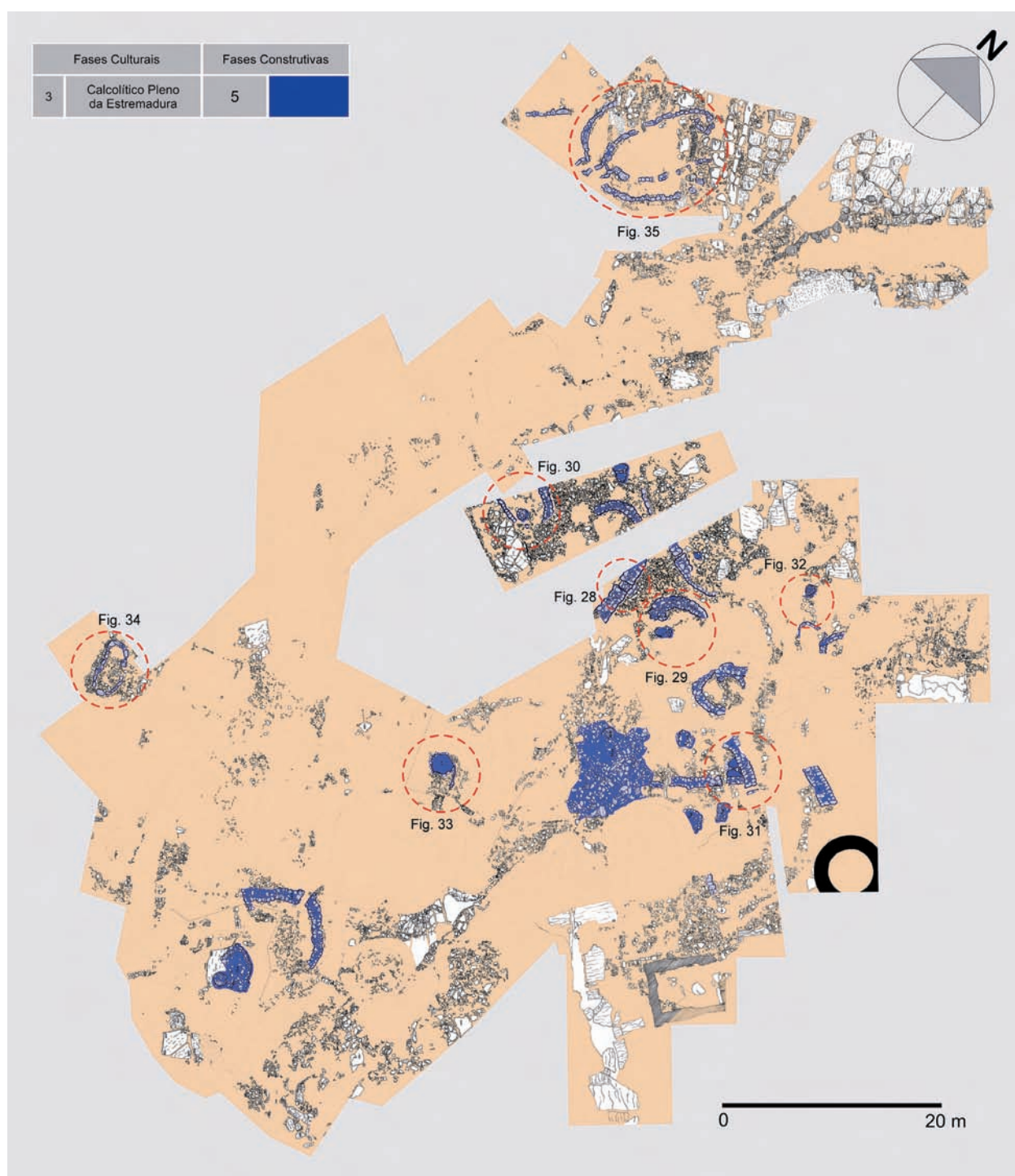


Fig. 27 Leceia: planta geral da área escavada, com implantação das estruturas da 5.ª Fase construtiva.

intramuros, onde convivem com as últimas cerâmicas com decorações “em folha de acácia” e “em crucífera”. Esta realidade obriga a repensar a integração cultural do campaniforme, cuja génese deverá ser recuada até o Calcolítico pleno, como aliás comprovam as datas de radiocarbono obtidas e adiante valorizadas.

Na área intramuros, a dispersão das produções campaniformes é assinalável, dominando os recipientes

decorados a pontilhado, vasos e caçoilas com decoração em bandas (“herringbone”, estilo “marítimo”) e geométricas. No entanto, a importância de Leceia para a discussão do “fenómeno” campaniforme decorre, sobretudo, da existência de duas cabanas de planta elipsoidal cujo embasamento é definido por alinhamentos de blocos irregulares, ambas situadas na área extramuros à primeira linha muralhada (Cardoso,

1997/1998). São as únicas cabanas campaniformes publicadas até ao presente em Portugal.

A presença destas duas estruturas, que configuram a última etapa da Fase 5 construtiva, suscita interessantes considerações de carácter económico e social, adiante apresentadas.

A Cabana EN (Fig. 34) possui um eixo maior com cerca de 5 m de comprimento, fundando-se em camada de derrubes oriundos do desmoronamento da muralha adjacente. No seu interior e exterior imediato, recolheram-se 26 fragmentos cerâmicos decorados, todos campaniformes, dos quais apenas 5 pela técnica do pontilhado. O vaso “marítimo” não ocorre, sendo o conjunto constituído somente por formas de carácter regional: taças Palmela de grandes dimensões e de características evoluídas, com lábios desnvolidos, ostentando decorações barrocas; esféricos de colo estrangulado (“garrafas”), grandes caçoilas (“vasos de provisões”) e pequenas taças em calote com decoração junto ao bordo.

A Cabana FM (Fig. 35) é uma estrutura de maiores dimensões e complexidade; o seu eixo maior atinge 10 m de comprimento e o menor 5 m. Para descarregar

o peso da cobertura, que interiormente se não encontraria apoiada em pilares, construiu-se um duplo embasamento de blocos alinhados. A extremidade voltada a ocidente do recinto assim constituído, possuía uma entrada, com duas ombreiras e uma laje colocada transversalmente, formando soleira. O espólio cerâmico decorado era, tal como o da cabana anterior, exclusivamente constituído por cerâmicas campaniformes. Porém, ao contrário daquela, cerca de 75 % das decorações foram obtidas pela técnica do pontilhado, encontrando-se presentes vasos “marítimos” nas duas variantes de bandas (“herring bone”) e linear, para além de pontilhados geométricos aplicados a vasos e a caçoilas, em geral organizadas em duas zonas distintas, uma abaixo do bordo e outra no bojo, para além de pequenas taças em calote. As taças Palmela ocorrem, tanto com decoração incisa como a pontilhado, possuindo o lábio profusamente decorado, mais desenvolvido nas primeiras. Esta variedade de formas, técnicas e motivos decorativos deve ser salientada, visto corresponder a uma associação de “vida curta”, sendo por isso coevas: assim sendo, a tradicional periodização do “fenómeno” campaniforme na Estremadura



Fig. 28 Leceia: Entrada FT1, da Cabana FT, de planta elipsoidal, observada do lado interno (ver Fig. 27).



Fig. 29 Leceia: Cabana PP, parcialmente lajeada (ver Fig. 27).



Fig. 30 Leceia: Cabana GA, de planta elipsoidal, parcialmente escavada (ver Fig. 27).



Fig. 31 Leceia: Cabana A, do lado direito de troço de muralha, observando-se no seu interior duas estruturas de combustão, A1 e A2 (ver Fig. 27).



Fig. 32 Leceia: Cabana JJ, definida por lajeado e estrutura de combustão (ver Fig. 27).



Fig. 33 Leceia: Lixeira II, reaproveitando silo de planta sub-circular (ver Fig. 27).



Fig. 34 Leceia: Cabana EN (ver Fig. 27).



Fig. 35 Leceia: Cabana FM (ver Fig. 27).

portuguesa (Soares & Silva, 1974/1977) deve ser revista, designadamente nos extensos períodos de coexistência entre as diferentes produções campaniformes e na cronologia absoluta proposta pelos referidos autores, actualmente ultrapassada pelos novos elementos obtidos.

Com efeito, as datações correspondentes às duas cabanas campaniformes de Leceia foram as seguintes (Cardoso & Soares, 1990/1992):

- Cabana EN - ICEN 1241 (ossos) - 3950±90 BP a qual, depois de calibrada, deu o resultado, a 2 sigma, de 2629-2176 cal BC;
- Cabana FN - SAC 1317 (ossos) - 4220±50 BP que, depois de calibrada, corresponde ao intervalo, a 2 sigma, de 2825-2654 cal. BC.

Estes resultados merecem os seguintes comentários:

1. a maior modernidade da data correspondente à Cabana EN é compatível com a tipologia do correspondente conjunto decorado, onde dominam formas regionais, falta o vaso “marítimo” e a técnica incisa é largamente maioritária;

2. ambas as datas - que nenhuma razão permite de momento rejeitar, mas que convém serem confirmadas por maior número de análises - indicam que a afirmação do fenómeno campaniforme na Estremadura se verificou ainda na primeira metade do 3.º milénio a.C., como, aliás em outras áreas do País, tanto na Beira Alta como no Baixo Alentejo (Cardoso & Soares, 1990/1992), sucedendo-se à fase considerada mais antiga, representada pelos vasos “marítimos” e associados, rapidamente copiados e interpretados, o que levou ao desenvolvimento de estilos locais;

3. Considerando a exclusividade das cerâmicas campaniformes, dentro das cerâmicas decoradas recolhidas nestas duas unidades habitacionais - aliás repletas de restos domésticos, a começar pelos materiais osteológicos utilizados para datação - conclui-se que a sua ocorrência não poderá reportar-se qualquer significado especial, sendo de rejeitar o seu carácter sumptuário ou de excepção, ou ainda como expressão do alto estatuto social dos seus utilizadores, aliás contrariado pela modéstia das próprias construções habitacionais respectivas;

4. Ao contrário, o paralelismo cronológico evidenciado entre a derradeira ocupação do espaço intramuros - onde as cerâmicas campaniformes ocorrem apenas na parte superior da camada 2, correspondente ao Calcolítico pleno - e a utilização das duas cabanas em apreço, onde tais cerâmicas, repita-se, constituíam a totalidade dos exemplares decorados, vem colocar de novo a questão do estatuto dos seus produtores e utilizadores primários, partindo do

princípio de que a coexistência, numa determinada região, de culturas materiais diferentes, pode exprimir realidades culturais igualmente distintas. Por outras palavras, poderá ser admissível entrever grupos cultural e socialmente distintos no decurso do 3.º milénio a.C., com base na realidade material reconhecida em Leceia, agora sumariamente descrita? Tal realidade terá correspondência em uma efectiva diferenciação cultural dos seus ocupantes, face aos

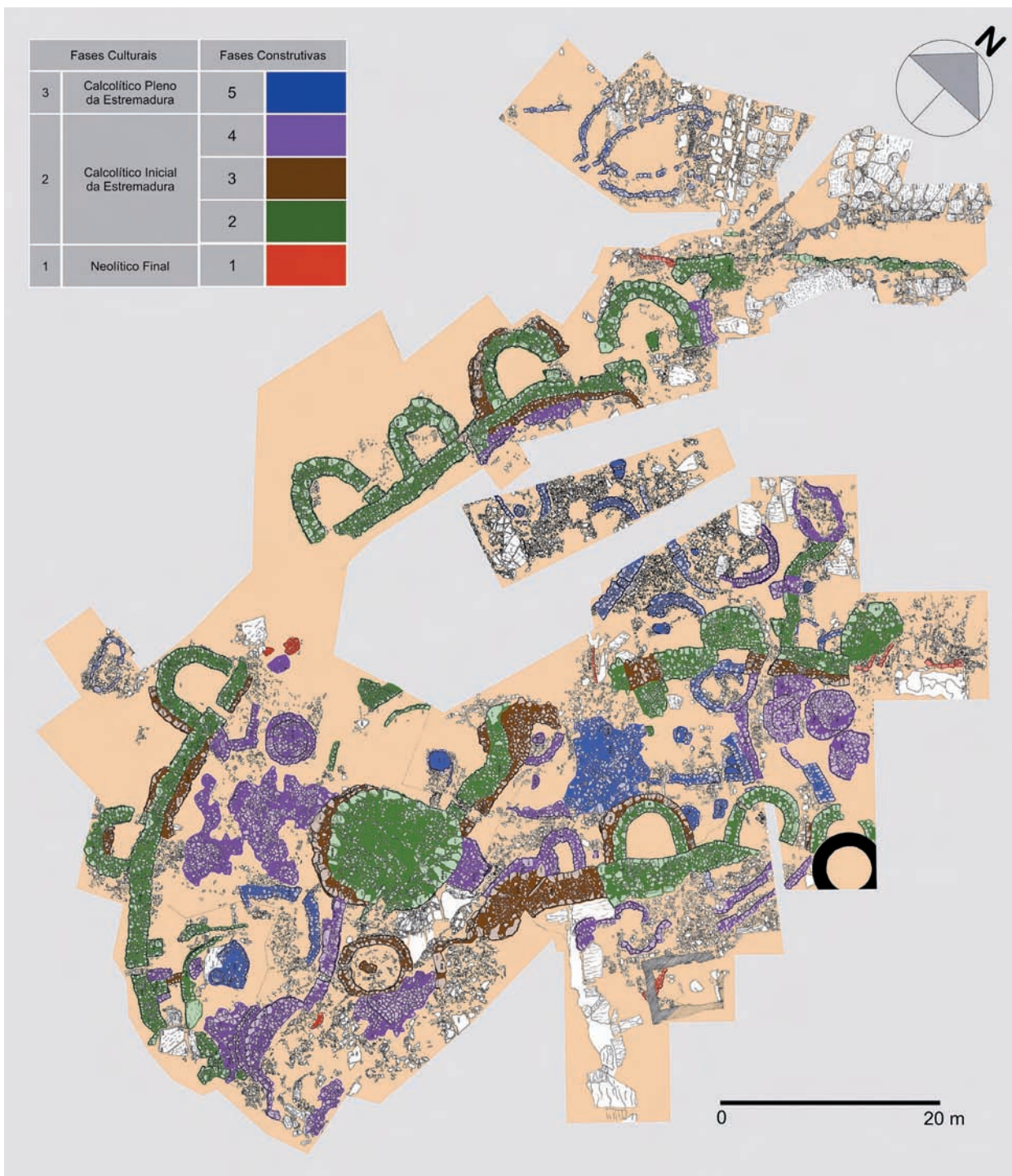


Fig. 36 Leceia: sequência construtiva, correspondendo às cinco fases anteriormente caracterizadas.

derradeiros habitantes do antigo recinto fortificado, ainda que deles coevos? Estes últimos, por trocas entretanto estabelecidas com os portadores de cerâmicas campaniformes, poderiam ter adquirido algumas das primeiras produções que poderiam ter chegado à região (onde abundam os vasos “marítimos”), por processo de difusão supra-regional cujos mecanismos ainda não estão claramente definidos.

No entanto, as análises mineralógicas em lâmina delgada até agora efectuadas, não permitiram evidenciar em quaisquer dos grupos tipológicos individualizados, quaisquer indícios de importações bretãs, apesar das evidentes semelhanças dos vasos “marítimos” existentes em ambas as regiões (Cardoso, Querré & Salanova, 2005). Trata-se claramente de questão que importa ver mais detalhadamente discutida, mas em moldes diferentes dos utilizados em décadas passadas.

## 5. Técnicas construtivas

Em Leceia, desde cedo se verificou que as técnicas utilizadas na construção da fortificação variaram ao longo do tempo. Com efeito, os elementos construtivos que integram as estruturas correspondentes à fase inicial da fortificação calcolítica, caracterizam-se pelo seu enorme volume e peso, correspondendo a blocos calcários que podem atingir cerca de duas toneladas. Provêm de pedreiras que se situavam na própria área a construir, sendo remobilizados de escassas dezenas de metros, ou mesmo apenas de alguns metros. A sua superfície evidencia frequentemente a acção dos agentes meteóricos (lâmpias incipiente), evidenciando que se encontravam expostas na altura do correspondente aproveitamento. Noutros casos, recorreu-se a blocos menores, frequentemente desbastados e regularizados por boiardagem, cuidadosamente colocados em obra e ajustados entre si por uma argamassa margo-carbonatada natural, disponíveis também no local. É interessante verificar que o investimento para o afeiçoamento dos blocos acompanha a diminuição do seu tamanho, ao longo das sucessivas fases construtivas, dando a impressão que a pedreira de onde eram extraídos avançaria em profundidade, obrigando deste modo à obtenção de blocos cada vez melhor formatados e mais leves. Esta situação pode evidenciar-se particularmente entre estruturas homólogas, como é o caso da generalidade dos Bastiões da Fase 2 construtiva, por comparação com o Bastião AA (Fig. 19). Com efeito, enquanto aqueles evidenciam um aparelho regular, de blocos de significativas dimensões (especialmente os do seu pavimento externo, sujeitos a maiores esforços) e bem

argamassados, o pequeno Bastião AA, da Fase 4 construtiva, não só se apresenta com planta assimétrica, mas também é formado por aparelho de muito pior qualidade, constituído por blocos mais pequenos e irregulares.

Tão acentuadas diferenças também se observam nas estruturas habitacionais. Com efeito, se existem cabanas que evidenciam execução excelente, como a Cabana ZZ (Fig. 15), da Fase 3 construtiva, com paralelos na derradeira fase construtiva através de construções de qualidade análoga, e até de maiores dimensões (Fig. 28), a verdade é que a maioria das estruturas habitacionais mais recentes apresenta construção expedita e pouco durável. Dir-se-ia, como já atrás foi sublinhado, que o investimento construtivo foi transferido, na passagem do Calcolítico inicial para o Pleno, das estruturas defensivas para as de carácter habitacional, sem prejuízo de nestas se verificarem situações muito diferenciadas, desde as grandes unidades de planta elipsoidal com 10 m ou mais de comprimento do eixo maior, até às cabanas de paredes feitas de entrançados vegetais, das quais apenas se conhece o respectivo pavimento, constituído por lajes, por vezes aproveitando troços de muralhas ainda de pé.

A disponibilidade, verificada no próprio local de implantação do povoado, de blocos de calcário duros e maciços, de carácter recifal, susceptíveis de fornecer elementos de grandes dimensões, bem como de delgadas lajes de calcário, resultantes da exploração de leitões de calcários finamente estratificados, adequados à construção de paramentos (Fig. 14), mas sobretudo utilizadas na pavimentação de habitações (Fig. 32) e de vastas áreas comunitárias (Fig. 26), explicam a selecção do local, a par das suas características geomorfológicas, para a implantação da fortificação. Além das matérias-primas referidas, importa ainda sublinhar a presença de camadas margosas subjacentes às bancadas de calcários, as quais forneciam a argamassa natural necessária à construção, tanto de estruturas habitacionais como defensivas; a sua importância encontra-se, aliás, sublinhada pela existência de uma potente camada, regularmente observada em qualquer área do espaço construído desde que a sequência estratigráfica se apresente completa (Camada 3).

Esta rara reunião de circunstâncias favoráveis à construção da fortificação e respectivas estruturas habitacionais é reforçada, no que aos recursos geológicos diz respeito, pela existência de nódulos ou “tablettes” de sílex, incorporados ou interestratificados nos calcários supramencionados. Tal disponibilidade, já conhecida desde o Neolítico Antigo, contribuiu, a par de outros factores naturais e geográficos, para a densidade do povoamento da região, tão bem expresso pela edificação do imponente povoado pré-histórico.

## Agradecimento

O Autor agradece ao Dr. Isaltino Afonso Morais, Ilustre Presidente da Câmara Municipal de Oeiras os apoios, incentivos e confiança pessoal depositada no signatário desde o início do seu primeiro mandato, que tornaram possível a realização do vasto quanto ambicioso programa de escavações arqueológicas levado a cabo em Leceia, entre 1983 e 2002, que está na origem de sucessivos trabalhos publicados, entre os quais esta síntese se insere; idêntico agradecimento é extensivo aos restantes elementos dos sucessivos executivos camarários.

Lisboa, Maio de 2006

\* Professor Catedrático de Pré-História e Arqueologia da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

Os desenhos que ilustram este trabalho são da autoria de Bernardo Ferreira, desenhador de Arqueologia da Câmara Municipal de Oeiras; as fotos são da autoria do signatário e de Guilherme Cardoso.

## BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (1.ª Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do escultor Álvaro de Brée (2.ª Parte). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1994) - *Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, número especial).
- CARDOSO, J. L. (1997) - *O povoado de Leceia sentinelado do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (1997/1998) - A ocupação campaniforme do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 7, p. 89-153.
- CARDOSO, J. L. (1999/2000) - O Calcolítico da Baixa Estremadura: contributos para um ensaio, a propósito de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 8, p. 325-353.
- CARDOSO, J. L. (2000) - The fortified site of Leceia (Oeiras) in the context of the Chalcolithic in Portuguese Estremadura. *Oxford Journal of Archaeology*. Oxford. 19 (1), p. 37-55.
- CARDOSO, J. L. (2001) - Le phénomène campaniforme dans les basses vallées du Tage et du Sado (Portugal). *Bell Beakers Today*. Colóquio Internacional (Riva del Garda, 1998). Actas. Trento: Ufficio Beni Archaeologici, p. 139-154.
- CARDOSO, J. L. (2003) - A utensilagem óssea de uso comum do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 11, p. 25-84.
- CARDOSO, J. L. (2003) - *O povoado pré-histórico de Leceia no quadro da investigação, recuperação e valorização do património arqueológico português. Síntese de vinte anos de escavações arqueológicas (1983-2002)*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2004a) - Polished stone artefacts at the prehistoric settlement at Leceia (Oeiras). *Madriider Mitteilungen*. Mainz. 45, p. 1-32.
- CARDOSO, J. L. (2004b) - *A Baixa Estremadura dos finais do IV milénio a.C. até à chegada dos Romanos: um ensaio de História regional*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 12).
- CARDOSO, J. L. (2004c) - An interpretation of the Bell Beaker cultural sequence in the Tagus estuary region: data from Leceia (Oeiras). *Journal of Iberian Archaeology*. Porto. 6, p. 147-156.
- CARDOSO, J. L. (2006) - As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição geográfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L.; DETRY, C. (2001/2002) - Estudo arqueozoológico dos restos de ungulados do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 131-182.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, A. M. M. (1996) - Chronologie absolue pour le Néolithique et Chalcolithique de l'Estremadura portugaise - la contribution de Leceia. *Revue d'Archéométrie*. Rennes. Supplément 1996, p. 45-50.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. S.; AGUIAR, D. (1991) - *O Homem pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. (Estudos Arqueológicos de Oeiras, 2).
- CARDOSO, J. L.; QUERRÉ, G.; SALANOVA, L. (2005) - Bell beaker relationships along the atlantic coast. PRUDÊNCIO, M. I.; DIAS, M. I.; WAERENBORGH, J. C., eds. *Understanding people through their pottery. Proceedings of the 7th European Meeting on Ancient ceramics (EMAC'03)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, p. 27-31 (Trabalhos de Arqueologia, 42).
- FONTES, J. (1955) - Estação eneolítica de Liceia (Barcarena). *Revista de Guimarães*. Guimarães. 65 (3/4), p. 341-352.
- GONÇALVES, V. S. (2000/2001) - O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3.º milénio no centro e sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53/54, p. 273-292.
- GUERREIRO, A.; CARDOSO, J. L. (2001/2002) - A fauna malacológica encontrada no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo sistemático e respectivo significado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 89-129.
- JORGE, S. O. (1994) - Colónias, fortificações, lugares monumentalizados. Trajectória das concepções sobre um tema do Calcolítico peninsular. *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*. Porto. Série II, 11, p. 447-546.
- KUNST, M. (1996) - As cerâmicas decoradas do Zambujal e o faseamento do Calcolítico da Estremadura portuguesa. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 6, p. 257-287.
- RIBEIRO, C. (1878) - *Estudos prehistoricos em Portugal. 1 - Noticia da estação humana de Licêa*. Lisboa: Academia Real das Sciencias de Lisboa. Reedição fac-similada e comentada em CARDOSO, J. L. (1991), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 1, 184 p.
- SOARES, A. M. M.; CARDOSO, J. L. (1995) - Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico final e do Calcolítico inicial da povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 5, p. 263-276.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1974/1977) - O Grupo de Palmela no quadro da cerâmica campaniforme em Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 7/9, p. 102-112.